

Vamos falar como o fumante: os grupos de direitos dos fumantes da indústria do tabaco

Por Elizabeth A. Smith and Ruth E. Malone, em 2006, do Departamento de Ciências Sociais e de Comportamento
University of California San Francisco

Tradução e adaptação da Aliança de Controle do Tabagismo

INTRODUÇÃO

A indústria do tabaco geralmente mantém seus departamentos comerciais e de políticas de comunicação separados. Entretanto, as imagens do fumante desenvolvidas por eles são contraditórias. Este estudo avalia as tentativas da indústria de organizar os grupos pelos direitos dos fumantes (GDF) e a imagem do fumante que está subentendido nesses esforços.

A indústria do tabaco desenvolve promoções direcionadas tanto ao mercado em geral quanto a públicos-alvos específicos. Também cria uma comunicação para evitar as medidas de controle do tabagismo¹⁻². Entretanto, as mensagens comerciais e políticas são separadas. Pesquisa prévia sugere que mistura-las é comercialmente ineficaz³.

Teóricos da sociologia sugerem que no capitalismo, “as mercadorias ocupam o lugar das pessoas na sociedade” e ajudam na auto-definição. As imagens de propaganda não descrevem aspectos específicos deste assunto, mas exibem “imagens que as pessoas podem conquistar ao usar cigarros”. Tal publicidade sugere que este produto terá bom gosto, removerá manchas, ou curará gripes e irá satisfazer profundamente as necessidades psico-sociais.

A indústria do tabaco, repetidas vezes, identificou duas “necessidades” que os cigarros podem preencher: facilitar as interações sociais, tais como promover a confiança ou a popularidade⁴⁻⁵, e aliviar o estresse, ao promover prazer⁶⁻⁷. Apesar desta propaganda, muitos fumantes se sentem

¹ Barnoya J, Glantz SA. The tobacco industry's worldwide ETS consultants project: European and Asian components. *Eur J Public Health* (2006) 16:69–77

² Glantz SA, Balbach ED. *Tobacco war: Inside the California battles*. (2000) Berkeley: University of California.

³ Smith EA, Malone RE. ‘Creative solutions’: Selling cigarettes in a smoke-free world. *Tob Control* (2004) 13:57–63, <http://tobaccocontrol.bmj.com/cgi/content/abstract/13/1/57>

⁴ Pollay RW. Targeting youth and concerned smokers: evidence from Canadian tobacco industry documents. *Tob Control* (2000) 9:136–47. <http://tobaccocontrol.bmj.com/cgi/content/abstract/9/2/136>

⁵ Le Cook B, Wayne GF, Keithly L, et al. One size does not fit all: how the tobacco industry has altered cigarette design to target consumer groups with specific psychological and psychosocial needs. *Addiction* (2003) 98:1547–1561, <http://www.blackwell-synergy.com/links/doi/10.1046%2Fj.1360-0443.2003.00563.x>

⁶ Anderson SJ, Glantz SA, Ling PM. Emotions for sale: cigarette advertising and women's psychosocial needs. *Tob Control* 2005. 14:127–135.

⁷ Le Cook B, Wayne GF, Keithly L, et al. One size does not fit all: how the tobacco industry has altered cigarette design to target consumer groups with specific psychological and psychosocial needs. *Addiction* (2003) 98:1547–1561,

problemáticos⁸, com cerca de 70% deles dizendo querer parar de fumar. Em situações de conflito com o fumo, muitos fumantes perdem a identidade com a categoria “fumante”⁹. A indústria do tabaco tenta aliviar o desconforto com um design especial para o produto e propaganda, desenvolvendo anúncios que asseguram aos fumantes que eles não são socialmente excluídos por causa do fumo.

Além disso, freqüentemente os fumantes apóiam as políticas de controle do tabaco, com um nível que varia de país para país, de acordo com a cultura e as políticas específicas. Alguns fumantes, especialmente de países com políticas de controle do tabagismo fracas, acham as leis de ambientes livres de fumo “discriminatórias”¹⁰. No entanto, a experiência da Califórnia e outros estados com leis fortes para ambientes livres de fumo mostraram que, uma vez implementadas, o apoio a estas políticas cresce, mesmo entre os fumantes.

De fato, aqui no Brasil, podemos observar tal fenômeno. Em maio, pesquisa de opinião feita pelo Instituto Datafolha sob encomenda da Aliança de Controle do Tabagismo verificou que a grande maioria da população brasileira, 88%, é contrária ao fumo em locais fechados, e 82% são totalmente contra. É interessante observar que 80% dos fumantes entrevistados são contrários ao fumo em locais fechados, sendo que 69% são totalmente contra¹¹. Enquetes online feitas pelas principais publicações ou programas de rádio e televisão do país com seus internautas mostram índices parecidos.

MÉTODOS

As informações foram coletadas da Legacy Tobacco Documents Library (<http://legacy.library.ucsf.edu>), dos arquivos de documentos da British American Tobacco (<http://bat.library.ucsf.edu>) e do Tobacco Documents Online (<http://tobaccodocuments.org/>), que reúnem milhões de documentos de empresas que foram liberados após litígio. Começamos a buscar por termos como “direitos dos fumantes” e nomes de organizações. As pesquisas eram desdobradas usando uma estratégia conhecida como “bola de neve”. Mais informações sobre fontes e métodos são fornecidas no trabalho prévio¹²⁻¹³

<http://www.blackwell-synergy.com/links/doi/10.1046%2Fj.1360-0443.2003.00563.x>

⁸ Collins P, Maguire M, O'Dell L. Smokers' representations of their own smoking: A Q-methodological study. *J Health Psychol* (2002) 7:641–652, <http://hpq.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/6/641>

⁹ Echebarria Echabe A, Fernandez Guede E, Gonzalez Castro JL. Social representations and intergroup conflicts: Who's smoking here? *Eur J Soc Psychol* (1994) 24:339–355, <http://www3.interscience.wiley.com/journal/112464970/abstract?CRETRY=1&SRETRY=0>

¹⁰ Louka P, Maguire M, Evans P, Worrell M. 'I think that it's a pain in the ass that I have to stand outside in the cold and have a cigarette': representations of smoking and experiences of disapproval in UK and Greek smokers. *J Health Psychol* (2006) 11:441–51, <http://hpq.sagepub.com/cgi/content/abstract/11/3/441>

¹¹ Pesquisa Datafolha revela que brasileiros querem proibição total do fumo em ambientes fechados, Aliança de Controle do Tabagismo, http://www.fw2.com.br/actbr/uploads/conteudo/103_Fumo-em-Locais-Fechados-Datafolha.pdf

¹² Malone RE, Balbach ED. Tobacco industry documents: treasure trove or quagmire? *Tob Control* (2000) 9:334–8, <http://tobaccocontrol.bmj.com/cgi/content/full/9/3/334>

¹³ Carter SM. Tobacco document research reporting. *Tob Control* (2005) 14(6):368–76, <http://tobaccocontrol.bmj.com/cgi/content/abstract/14/6/368>

Também foram feitas pesquisas sobre os arquivos da Internet (<http://www.archive.org/index.php>) para os sites antigos dos grupos pelos direitos dos fumantes e nos sites de buscas atuais. Os documentos foram classificados cronologicamente e por temas. Este estudo é baseado numa revisão de cerca de 1100 documentos e sete websites.

A América do Norte foi excluída da análise, já que o trabalho prévio foi focado em grupos dos Estados Unidos¹⁴. Também não foi discutida a organização FORCES (Fight Ordinances and Restrictions to Control and Eliminate Smoking. NT: Lutar por Regras e Restrições para Controlar e Eliminar o Fumo) porque não há evidências que comprovem que é um grupo financiado pela indústria do tabaco¹⁵.

RESULTADOS

Desde 1979, a indústria do tabaco tem criado ou planejado grupos para os direitos dos fumantes em pelo menos 26 países. Percebendo que a aceitação pública de suas mensagens sobre o fumo passivo dependia das fontes destas mensagens, a Philip Morris propôs adotar uma variedade de personagens: “*algumas vezes vamos precisar falar como cientistas independentes, grupos científicos e de homens de negócios; em outras, vamos falar como a indústria; finalmente, vamos falar como fumantes*”¹⁶. Organizados e predominantemente financiados pelas companhias de tabaco, estes grupos têm como propostas manter a chamada controvérsia sobre o fumo passivo na arena comportamental e focar o debate no fumante em vez da indústria do tabaco ou o fumo. Os grupos se opõem às leis e políticas livres de fumo em locais tais como meios de transporte, ambientes de trabalho e outros espaços públicos¹⁷, e por vezes levam isso a outras questões, como impostos¹⁸ e uma suposta discriminação contra fumantes¹⁹.

Como as evidências mostravam os perigos à saúde do fumo passivo, havia uma ameaça crescente percebida pela indústria do tabaco. O perigo era que, como o tabagismo se tornou menos aceitável, os fumantes deixariam de fumar para ser “*membros mais aceitáveis da sociedade*”²⁰ e as

¹⁴ Cardador MT, Hazan AR, Glantz SA. Tobacco industry smokers' rights publications: a content analysis. Am J Pub Health (1995) 85:1212-7, <http://tobaccocontrol.bmj.com/cgi/content/abstract/14/6/368>

¹⁵ Americans for Non-Smokers' Rights. Front groups and allies: FORCES. Americans for Non-Smokers' Rights, <http://www.no-smoke.org/getthefacts.php?id=73>

¹⁶ Newsflow Strategic Overview. (1989) January 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/jok46e00>.

¹⁷ Farnel FJ. EEMA regional annual report regarding PMI corporate affairs action plan. 16 Oct 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/mlj42e00>.

¹⁸ Hurford WJ. 'Fair Go.' Not All Men Are Created Equal. As Smokers Are Finding Out. This New Tax Grab Is Unfair Discrimination against Smokers, Another Blow against Freedom of Choice. Do Something About It Today. Write or Ring Your Member of Parliament and Tell Him So. Speak Up. Or Pay Up. 22 Jun 1983. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/akl85e00>.

¹⁹ FOREST. N403 [Other Dudley West candidates don't give a damn about discrimination against smokers]. 13 Dec 1994. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/qtn57d00>

²⁰ König H. Infotab International Workshop 910000. Hamburg, 911012 911017 Smoking and public transport. The fight against a smoking ban on Lufthansa's domestic flights: a case study. 12 Oct 1991. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/htp95e00>.

políticas de áreas livres passassem a ser adotadas pelos empresários, para manter “*a harmonia e as boas relações entre os clientes*”²¹.

Tais grupos foram estabelecidos primeiro em países com governos democráticos com tradição de grupos de pressão dos cidadãos, oposição política e mídia independente. Uma discussão da indústria sobre a ‘exportação’ da organização inglesa *Freedom Organization for the Right to Enjoy Smoking Tobacco* (FOREST – NT: Organização Livre pelo Direito de Aproveitar o Fumo) apontou que, para ser bem sucedido, o grupo precisaria de um “*adversário agressivo e intempestivo*”²². Os grupos pelos direitos dos fumantes deveriam se juntar ao debate, não começar um. Eles seriam como uma voz alternativa sobre as questões de tabagismo, dando aos produtores de rádios e TVs o outro lado do debate, em vez do monólogo com apenas um lado²³.

RELAÇÃO FINANCEIRA E CONTROLE DA INDÚSTRIA

A relação financeira entre a indústria do tabaco e os grupos pelos direitos dos fumantes varia. A Philip Morris (PM) frequentemente começava esses grupos, que mais tarde eram apoiados pela associação nacional local de fabricantes (National Manufacturers’ Association - NMA)^{24-25,26}. Na Escandinávia, planos e orçamentos para Hen-Ry (Dinamarca) foram criados e aprovados pela PM e sua agência de relações públicas, Burson-Marsteller²⁷.

A sueca NMA deu ao Smokepeace 250 mil krona (aproximadamente R\$ 68 mil, ao câmbio atual), o que permitiu ao grupo produzir uma revista. Uma conferência de 1990 para os grupos custou à PM aproximadamente US\$ 820 mil (cerca de R\$ 1,300 milhão, ao câmbio atual), excluindo os custos com os participantes, pagos pelas associações locais ou pelas afiliadas da PM²⁸.

A British American Tobacco (BAT) e o Tobacco Advisory Council (TAC) (uma organização de várias empresas de tabaco britânicas) tiveram uma relação próxima com o FOREST. Embora os arquivos sejam incompletos, indicam que este grupo recebeu £26 mil (cerca de R\$ 82 mil, ao câmbio atual) em 1991 e £265.862 (cerca de R\$ 840 mil, ao câmbio atual) em 1995. As fontes de contribuições

²¹ Burson-Marsteller. An accommodation strategy in EEMA a strategic brief. 7 May 1990. Philip Morris.

<http://legacy.library.ucsf.edu/tid/ynk46e00>.

²² Ling PM, Glantz SA. Tobacco industry consumer research on socially acceptable cigarettes. *Tob Control* (2005) 14:e3, <http://tobaccocontrol.bmj.com/cgi/content/abstract/14/5/e3>

²³ Defending Smokers Rights Forest. 1983. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/sex19e00>.

²⁴ Farnel FJ. EEMA regional annual report regarding PMI corporate affairs action plan. 16 Oct 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/mli42e00>.

²⁵ Carlson S. Swedish NMA all member meeting 001115. 16 Nov 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/huz91a00>.

²⁶ Girod L. Field meeting, Brussels 940413 - notes. 22 Apr 1994. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/blq22e00>.

²⁷ BM Copenhagen. Final report on the smokers' rights clubs seminar, Vedbaek, Denmark 000829-890830. 15 Sep 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/qkz81f00>.

²⁸ Albright CL, Altman DG, Slater MD, Maccoby N. Cigarette advertisements in magazines: Evidence for a differential focus on women's and youth magazines. *Health Educ Q* (1988) 15:225–33, <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/3378906?dopt=Abstract>

das empresas não-tabageiras foram mínimas: cerca de £6000 (aproximadamente R\$ 19 mil, ao câmbio atual) em 1994, quando o orçamento total da FOREST era £255 mil (cerca de R\$ 806 mil, ao câmbio atual). Estas fontes incluíam donativos, vendas de livros, filiações e juros²⁹.

Os documentos da indústria implicam o controle de outros grupos. Nos Países Baixos, a Philip Morris planejou “*continuar e explorar ao máximo o Clube dos Direitos dos Fumantes*”. Na Itália, ela pretendia “*monitorar cuidadosamente*” a agenda da associação italiana de fumantes, em paralelo com a associação local de fumantes³⁰. Na Grécia, quis “*ajudar a estabelecer objetivos mensuráveis [para a Eleftheria] tais como orçamento razoável*” e “*um porta-voz independente estava para ser indicado*”.³¹ A organização estava para ser apoiada pela associação local dos fabricantes. Também era discutido o estabelecimento, a expansão e o apoio de grupos em outros países, incluindo Alemanha, França e Espanha³².

Algumas vezes, a relação destes grupos com a indústria do tabaco era admitida, em outras era dissimulada, e em outras, ainda, era negada³³. Quando perguntado sobre de quanto era o suporte financeiro recebido da indústria, o grupo sueco Smokepeace alegava ignorar: “*Nunca vi nada, mas assumo que temos recebido apoio*”³⁴. O porta-voz dinamarquês se recusava a responder, dizendo que os financiadores eram anônimos³⁵.

Para alguns grupos, essa questão não existia. O representante italiano na conferência internacional de grupos pelos direitos dos fumantes alegou que nenhum de seus pares recebeu apoio da indústria do tabaco³⁶. A associação dinamarquesa Hen-Ry afirmou que “*a indústria do tabaco não dá ajuda para relações públicas aos grupos de fumantes*”³⁷. Entretanto, a PM contratou a empresa Burston-Marsteller para ser “*a agência de relações públicas para o Clube de Fumantes tanto na Suécia quanto na Dinamarca e para organizar e gerenciar a conferência nórdica, para a qual toda correspondência era realizada em nome de Hen-Ry*”³⁸.

²⁹ M. Letter from Marjorie Nicholson to David Bacon enclosing draft budget for 1995 and notes on budget.1 Aug 1994. British American Tobacco. <http://bat.library.ucsf.edu/tid/wip02a99>.

³⁰ SCR Associati. Meeting Report CDIT. 15 Sep 1993. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/osq22e00>.

³¹ Three Year Plan 930000 950000 Greece & Israel. (1992) 1992. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/aet19e00>.

³² PM-EEC. Philip Morris EEC Corporate Affairs Department 900000 Communications and Issues Management Status and 910000 Plans. August 1990. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/boa02a00>.

³³ Donovan J. Italy: Smokers unite to fight for rights. 28 Aug 1994. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/ifi08d00>.

³⁴ Aschberg R, Carlson S, Gilljam H, Lidbeck G, Pehrson B, Persson B, Ikvall (Tonight) Debate on Smoking. 16 Sep 1992. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/igi19e00>.

³⁵ Berlingske Tidende, Burson Marsteller. Smokers want room, too. 31 Aug 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/ujz81f00>.

³⁶ Donovan J. Italy: Smokers unite to fight for rights. 28 Aug 1994. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/ifi08d00>.

³⁷ BM Copenhagen. Final report on the smokers' rights clubs seminar, Vedbaek, Denmark 000829-890830. 15 Sep 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/qkz81f00>.

³⁸ Idem

Um porta-voz do FOREST reconheceu que seu financiamento e seu papel eram o de “*uma organização de frente*” que inevitavelmente surgiria. Ele propôs responder “*apontando o escândalo das organizações de controle do tabagismo financiadas por contribuintes, com dinheiro de impostos*”^{39,40}. Quando o FOREST foi confrontado com esta questão por um comitê parlamentar, o porta-voz admitiu que conseguiu financiamento da indústria, mas afirmou que “*só seriam um grupo de frente se eles [a indústria] dissessem o que teriam que fazer, se eles impusessem a equipe ao FOREST*”, o que ele negou⁴¹. Nenhuma evidência posterior está disponível, mas a indústria indicou os diretores anteriores do FOREST e controlou o orçamento^{42,43}.

AS PROPOSTAS E OS MEMBROS DOS GRUPOS PELOS DIREITOS DOS FUMANTES

O objetivo principal da indústria com os grupos pelos direitos dos fumantes é manter o fumo socialmente aceitável. Ela também pretende reafirmar que os fumantes são “respeitáveis, pessoas responsáveis” que “podem fazer a escolha de fumar” e que “são membros legítimos da sociedade”⁴⁴.

As empresas esperavam que eles motivassem os fumantes a brigar por seus direitos, mas aos poucos perceberam que isto seria improvável. Em 1994, 15 anos depois da fundação do FOREST, a indústria ainda carecia de atitudes e motivações para agarrar fumantes e que os levassem à ação. Uma pesquisa de uma companhia italiana revelou que 72,2% dos fumantes queriam “*mais intervenção do Estado para regular o fumo em espaços públicos*” e apenas 1,7% se afiliaria a um dos grupos⁴⁵. Um representante de uma empresa alemã disse que “*era praticamente impossível conseguir fumantes para brigar por seus direitos*”⁴⁶.

A indústria do tabaco se queixou em diversas oportunidades das dificuldades em aumentar o número de membros desses grupos. Alguns sucessos eram relatados, mas a frustração era mais comum. Contudo, os grupos pelos direitos dos fumantes reivindicavam representar um enorme número de fumantes. Apesar da resposta desanimadora dos fumantes italianos, um ano depois o grupo relatou ter 60 mil membros⁴⁷. Os grupos nórdicos afirmavam que “*direta ou indiretamente representavam mais de sete milhões de pessoas*”⁴⁸. O porta-voz para a associação internacional

³⁹ Forest. Defending Smokers Rights Forest. 1983. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/sex19e00>

⁴⁰ Eyres S. FOREST: 1985 Director's Report. 10 Feb 1986. British American Tobacco. <http://bat.library.ucsf.edu/tid/ojq00a99>.

⁴¹ Lambert D. Health Select Committee. 25 Jan 2000. British American Tobacco. <http://bat.library.ucsf.edu/tid/qfw80a99>

⁴² Campbell J. A Public Relations Strategy for the Tobacco Advisory Council Appraisal & Proposals Prepared by Campbell - Johnson Ltd. 20 Nov 1978. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/vdj04e00>.

⁴³ St. Aubyn AWM. Tobacco Advisory Council Public Relations Committee (PRC No 3091). 01 Sep 1981. British American Tobacco. <http://bat.library.ucsf.edu/tid/ivl21a99>

⁴⁴ Burson-Marsteller. An accommodation strategy in EEMA a strategic brief. 7 May 1990. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/ynk46e00>.

⁴⁵ Presentation to Infotab Workshop Hamburg 911015. 15 Oct 1991. Philip Morris.

<http://legacy.library.ucsf.edu/tid/hhv32e00>.

⁴⁶ König H. Infotab International Workshop 910000. Hamburg, 911012 911017 Smoking and public transport. The fight against a smoking ban on Lufthansa's domestic flights: a case study. 12 Oct 1991. Philip Morris.

<http://legacy.library.ucsf.edu/tid/htp95e00>.

destes grupos disse que eles faziam lobby “pelos direitos de 1.2 bilhões de fumantes de todo o mundo⁴⁹”.

LÍDERES

Ao contrário de suas negativas, a indústria controlava a liderança dos grupos pelos direitos dos fumantes. No Reino Unido, as companhias exigiam que os candidatos a diretor do FOREST fossem agradáveis à indústria. O Tobacco Advisory Council (TAC) planejou controlar o grupo “*por meio de uma terceira parte, de forma que não haveria contato direto entre o pessoal da empresa de tabaco ou o TAC e o diretor*⁵⁰”.

Alguns líderes mantinham relação de longo prazo trabalhando com os grupos da indústria, incluindo o médico dinamarquês Tage Voss, que escreveu a um colega dizendo que estava buscando “*cozinhar outra dose de veneno para os nobres cavalheiros da saúde mundial*⁵¹”. Mas algumas vezes a indústria do tabaco descobriu que era difícil encontrar porta-vozes confiáveis. Na Austrália, a indústria considerava o ativista pelos direitos dos fumantes, Dr. William Whitby, como um “*louco, então tratavam-no como representante do grupo*⁵²”. Stephen Eyres, contratado como diretor do FOREST após entrevistas com todas as maiores empresas britânicas, desviou fundos para comprar uma vila na Espanha⁵³.

Fumar como um direito

Os grupos brigam pelo direito de fumar numa tentativa de estabelecer uma autoridade moral. Em debates sobre saúde, a “*indústria quase invariavelmente perde*”, a Philip Morris advertiu, não “*baseada em quem está certo ou errado, mas em quem ter um nível moral mais alto*⁵⁴”. Eles esperam ganhar uma vantagem posando de defensores da liberdade.

Uma mensagem-chave era que “*as pessoas têm o direito de escolher usar ou não um produto legal*”. A organização Hu Tu, da Finlândia, declarou que fumar “*não é ilegal... o direito de qualquer cidadão livre*⁵⁵”. A Liga dos Direitos dos Fumantes, da Austrália, disse que os trens livres de fumo violavam “*os direitos individuais*⁵⁶”. Um representante de um grupo da Grécia, ultrajado pela decisão do ex-presidente americano Bill Clinton de tornar a Casa Branca livre de fumo, sugeriu

⁴⁷ N403 [New Swiss Smokers Club Attracts 1000 members]. 24 May 1996. Philip Morris.

<http://legacy.library.ucsf.edu/tid/uao47d00>.

⁴⁸ Kesselring K, Invitation to a press conference Wednesday, 890830. 15 Aug 1989. Philip Morris.

<http://legacy.library.ucsf.edu/tid/lkz81f00>.

⁴⁹ Reuters. News brief, smokers fume over their rights. 29 Aug 1994. Philip Morris.

<http://legacy.library.ucsf.edu/tid/hfi08d00>.

⁵⁰ The Tobacco Industry. [1980]. British American Tobacco. <http://bat.library.ucsf.edu/tid/dlj51a99>.

⁵¹ Voss T, [Letter re: Social Critic article]. 1 Oct 1991. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/uwi56e00>.

⁵² Chapman S. ‘It is possible he is a kind of nut’: how the tobacco industry quietly promoted Dr William Whitby. *Tob Control* (2003) 12(Suppl III):iii4–iii6, http://tobaccocontrol.bmj.com/cgi/content/abstract/12/suppl_3/iii4

⁵³ Judgment of Queen’s Bench Division for a case between FOREST and Stephen Ronald Eyres and Enville Corporation. 16 Nov 1989. British American Tobacco. <http://bat.library.ucsf.edu/tid/hoh30a99>.

⁵⁴ Philip Morris International. Philip Morris EEC Region Three Year Plan 920000 940000. (1992) 1992. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/qef42e00>

que, para evitar a hipocrisia, os Estados Unidos deveriam “*parar de posar como defensores dos direitos humanos*”⁵⁷. Havia também a reivindicação para acrescentar o fumo à Declaração de Direitos Humanos das Nações Unidas⁵⁸.

A Philip Morris também propunha uma mensagem mais ampla: “*A discriminação contra os fumantes é anti-democrática e abre um perigoso precedente*”⁵⁹. Os fumantes estariam protegendo seus próprios direitos e pedindo direitos civis para todos. Por isso, o FOREST chama isso de “*uma questão de liberdade de escolha do indivíduo*”.

No entanto, a retórica dos direitos nem sempre era percebida como efetiva. Um representante da BAT tentou comparar os direitos dos fumantes aos dos gays, mas um documento da estratégia destacava que “*os fumantes não se identificam como um grupo, como o dos homossexuais*”⁶⁰. A Burson-Marsteller atribuíram o sucesso dos grupos nórdicos a suas mensagens de moderação e acomodação, contrastando com as abordagens mais estridentes usadas no Reino Unido, nos EUA e Austrália.

Os grupos e a política

Como a indústria planejou, tais grupos promovem o “compromisso” com a questão do fumo passivo. Esta mensagem de acomodação tem que ser “*percebida como sendo dos fumantes, não da indústria, caso contrário perde credibilidade*”, advertiu o consultor da PM Burson-Marsteller⁶¹.

As soluções: segregação e cortesia

As áreas de fumantes eram descritas como uma proteção aos direitos de qualquer um. O fundador do FOREST, Sir Christopher Foxley-Norris, afirmou que “*não-fumantes tinham o direito de ir a algum lugar onde não ficassem com fumantes, mas não tinham o direito de ter 100% do monopólio*”⁶². A Liga de Direitos dos Fumantes descreveu os lugares onde é permitido fumar nos transportes públicos como “*um sistema que respeita os direitos de cada grupo*”⁶³. A organização Hen-Ry, da Dinamarca, deu um prêmio de tolerância para uma companhia aérea que “*fez*

⁵⁵ Hampinen A, Kaukonen V. The Finnish smokers' club huomaavaiset tupakoitsijat ry 'HuTu'. Dec 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/qxk19e00>.

⁵⁶ There's Gold in Them Thar Ills. (1979) RJ Reynolds. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/jwu13a00>.

⁵⁷ Maratos T. N331 [Letter to Giuliani re: smoking bans]. Aug 1994. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/yhz37d00>.

⁵⁸ Tobacco International. Smokers demand rights. Feb 1991. Lorillard. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/xof64c00>.

⁵⁹ EEC. ETS communication plan 910000. Dec 1990. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/dkt95e00>.

⁶⁰ Draft Strategy Document - 1995-1997. (1994) British American Tobacco. <http://bat.library.ucsf.edu/tid/nip02a99>.

⁶¹ Burson-Marsteller. An accommodation strategy in EEMA a strategic brief. 7 May 1990. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/ynk46e00>.

⁶² The Smoking Habit. 25 Jul 1979. British American Tobacco. <http://bat.library.ucsf.edu/tid/msp40a99>.

⁶³ Anthony C, Equal Rights on Buses. 22 Sep 1977. RJ Reynolds. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/nbu31d00>.

*fumantes e não-fumantes sentarem lado a lado no mesmo avião sem fazer com que ninguém se sentisse desconfortável*⁶⁴.

A solução alternativa era cortesia e tolerância. Uma conferência internacional, em 1992, concluiu com *“a promessa de lutar contra a intolerância e promover a cortesia”* para resolver o conflito entre fumantes e não-fumantes. O dinamarquês Hen-Ry disse aos fumantes para perguntar às pessoas se eles se opunham à fumaça do tabaco: *“então, é preciso que os fumantes mostrem cortesia e os não-fumantes ficarão desconcertados por demonstrar intolerância*⁶⁵”. O grego Eleftheria e o francês Calumet de la Pais também desenvolveram campanhas parecidas. O FOREST afirmou que a cortesia e a tolerância estavam aumentando.

Algumas vezes, representantes daqueles grupos disseram que fumantes corteses se abstêm se ninguém fizer objeção. O porta-voz do FOREST disse que esperava que o fumante respeitasse a objeção, assim como declarou o grupo francês. Mas outros não eram tão conciliatórios. O porta-voz dinamarquês explicou que *“ser cortês significava perguntar aos outros se fumar incomodava-os. Mas se alguém dissesse que sim, teria problema. Devíamos encontrar uma solução para isso. Eu ainda não tenho uma posição para isso ainda*⁶⁶”.

Em outras ocasiões, ele chamou a objeção ao fumo de “intolerância e imprudência”, embora dissesse respeitar essa postura⁶⁷. Menos estridente, uma newsletter italiana previu que no ano que viria *“a polidez seria fundamental para ambas as partes: você se importa que eu fume? Perguntará o fumante cortês. Eu não me importo, responderá o não-fumante tolerante*⁶⁸”. Nesta fórmula, o fumante cortês sempre vai ganhar, e o não-fumante deverá suportar a fumaça do tabaco ou será rotulado como intolerante.

O fumante como vítima

A indústria percebeu que excluir a fumaça de uma área não pareceria injusto, mas excluir as pessoas sim. Os grupos pelos direitos dos fumantes enfatizaram essa injustiça posicionando os fumantes como vítimas. O grupo alemão Erste Raucher Lobby descreveu o sofrimento dos fumantes como sendo uma discriminação contra eles e uma humilhação. No Reino Unido, a organização Foxley-Norris fez paralelos explícitos com outras práticas discriminatórias, mencionando *“os anúncios de emprego pedindo por candidatos não-fumantes, embora não seja permitido pedir por não-mulheres ou não-brancos*⁶⁹”. Fumantes noruegueses se disseram vítimas de discriminação e, na Austrália, fumantes disseram ser muito mal tratados. Os grupos, em geral, denunciaram um clima de perseguição mundial aos fumantes.

⁶⁴ Philip Morris. Newspac number three-890500 Philip Morris information sheet courteous smoking. May 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/kcc58e00>.

⁶⁵ Burson Marsteller, Ritzau Press Bureau. Courteous smokers want to smoke in peace. 30 Aug 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/vjz81f00>

⁶⁶ Berlingske Tidende, Burson Marsteller. Smokers want room, too. 31 Aug 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/ujz81f00>.

⁶⁷ Politiken. The smokers are preparing to fight back. 4 Sep 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/ljz81f00>.

⁶⁸ N403 [Calumet N. 45]. Sep 1994. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/csm57d00>.

⁶⁹ Smoking and Health Monthly Report 276: 810200. Feb 1981. Brown and Williamson. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/xyv93f00>.

O controle do tabagismo como opressor

Os ativistas de controle do tabagismo eram os perseguidores. Um partidário do FOREST chamou as políticas de espaços livres de fumo de um novo apartheid e identificou fumantes como “*vítimas de leis fascistas de saúde*”⁷⁰. O dinamarquês Hen-Ry caracterizou as organizações de controle do tabaco como “*agressivas e dominantes, clamando por uma inquisição dos fumantes*”⁷¹. O porta-voz grego disse que os ativistas “*fanáticos e intolerantes*” do controle do tabagismo acreditam que têm “*o direito e a obrigação*” de impor suas idéias aos outros⁷². Já o porta-voz sueco se referiu a “*aiatolás anti-fumantes*”.

Tais organizações de direitos dos fumantes trabalhavam para persuadir o público de que as políticas de controle do tabagismo causavam contradições fúteis, tensão, intolerância e confrontos e até guerras entre fumantes e não-fumantes. No entanto, é claro perceber que são os próprios grupos que incitam o conflito: provocam, ameaçam ou aplaudem o não cumprimento com as regulamentações. Nos Países Baixos, o SRB insinuou que o fumo nos banheiros dos aviões era necessário, dizendo ser “*uma vergonha que fumantes tivessem que se esconder em lugares tão apertados*”⁷³. O FOREST apoiou caronas para os passageiros de áreas de fumantes quando o fumo foi banido dos trens. O australiano Smokers' Rights League também propôs “*um fumo massivo nos trens*” em resposta à política de smoke-free⁷⁴⁻⁷⁵. A companhia aérea alemã Lufthansa reverteu a proibição porque a pressão “*do lobby dos fumantes levou-a a temer confrontos*”⁷⁶.

SUCESSO E LEGITIMIDADE POLÍTICOS

Os grupos pelos direitos dos fumantes obtiveram algumas políticas bem sucedidas, embora temporárias. Por exemplo, conseguiram retardar políticas de espaços livres de fumo em prédios públicos e em algumas companhias aéreas e sistemas de trens. Na Finlândia, a organização Hu-Tu era “*um instrumento para manter a presença do tabaco no índice de preços ao consumidor e derrotar uma aumento de impostos*”⁷⁷.

Talvez o que tenha sido mais significativo, de acordo com a Philip Morris, foi “*o papel político legítimo alcançado pelos grupos nórdicos e aceito pelas autoridades como representantes dos*

⁷⁰ Cohen N. Cover story - the plot to keep us puffing. 17 Jan 2000. Philip Morris.

<http://legacy.library.ucsf.edu/tid/snz56c00>.

⁷¹ Denmark Hosts the First Seminar on Smokers Rights. Aug 1989. Philip Morris.

<http://legacy.library.ucsf.edu/tid/hkz81f00>

⁷² Infotopics. Infotopics media monitoring from TDC, No.9, September 1994. Smokepeace 94 ends with call for protection of the rights of smokers. Sep 1994. Tobacco Institute. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/okh03f00>.

⁷³ Shook Hardy & Bacon. Report on recent ETS and IAQ developments. 1 Mar 1996. Philip Morris.

<http://legacy.library.ucsf.edu/tid/dmf22d00>.

⁷⁴ There's Gold in Them Thar Ills. (1979) RJ Reynolds. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/jwu13a00>.

⁷⁵ Smoke and be damned say rebels. 16 May 1977. RJ Reynolds. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/ybu31d00>.

⁷⁶ Fisher M, Unger J, German smokers on cloud 9 Lufthansa's attempted ban produces huffing, more puffing. 23 Oct 1990. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/qs83e00>.

⁷⁷ Boca Raton action plan summary report 881203-891030. 3 Dec 1988. Philip Morris.

<http://legacy.library.ucsf.edu/tid/cer19e00>

fumantes^{78_79}. A organização Røykringen foi incluído como consultor para legislação sobre tabagismo pelo ministro de assuntos sociais. Na Suécia, os grupos pelos direitos dos fumantes se tornou uma entidade reconhecida de representação dos fumantes, consultada pelas comissões governamentais. A publicação do dinamarquês Hen-Ry sobre implementação de políticas de controle do tabagismo incluiu um prefácio do ministro do trabalho.

DISCUSSÃO

O direito de fumar

Os grupos pelos direitos dos fumantes reclamam que o direito de fumar é violado pelas políticas de ambientes livres de fumo conflagrando 'direito' e 'legalidade'. Fumar é permitido por lei, entretanto não é um direito. Os direitos são especificamente definidos e especificamente protegidos, de forma que não podem ser encerrados por outras leis. Os exemplos incluem liberdade de expressão e devido processo legal. Muitas atividades legais não caem nesta categoria. Por exemplo, o asbesto não é uma substância proibida, mas não se tem o direito de usá-la e o Estado deve regular e restringir seu uso. Andar a cavalo não é ilegal, mas geralmente é proibido no contexto urbano. Estas leis não violam os direitos, mas limitam a capacidade das pessoas de exercê-los. O fumo cai nesta categoria.

Fumantes, não a fumaça

Tais grupos consistentemente tentaram manter o foco nos fumantes, não no fumo. As leis de ambientes livres eram disseminadas como uma grade para barrar as pessoas que fumam, não o fumo em si. A metonímia de usar o fumante em vez do fumo permitiu aos grupos, mais tarde, adotar a linguagem de discriminação.

A representação dos fumantes

Os grupos pelos direitos dos fumantes raramente eram bem sucedidos em recrutar um número significativo de fumantes, provavelmente porque os fumantes em geral não tinham uma identificação forte com eles. Entretanto, isso também pode se dever ao fato de que muitos fumantes apóiam as medidas de controle, como as pesquisas mostram. Portanto, a reivindicação dos grupos de representar os fumantes é falsa, tanto em termos de membros como de posição política.

A retórica deles, da mesma forma, é falha ao representar os fumantes no sentido de criar uma identificação efetiva com eles. Suas estratégias – demandar direitos, oferecer cortesia, sugerir segregação, vitimar – implicitamente contradizem a imagem do fumo e dos fumantes promovida pela propaganda.

Os anúncios de cigarros, por exemplo, propõem que o fumo torna as pessoas desejáveis. Ao chamar para se organizarem para lutar por seus direitos, mostram que não é esse o caso, que frente ao fumo, as pessoas se tornam injustamente desagradáveis. De modo semelhante, ao posicionar os fumantes como vítimas, enfatizam que o fumo não os tornam mais atraentes, mas sim repulsivos. Os anúncios de cigarros também mostram que fumar facilita as situações sociais, mas a retórica destes grupos reconhece que o fumo é uma fonte de conflitos. A segregação

⁷⁸ Farnel FJ. EEMA regional annual report regarding PMI corporate affairs action plan. 16 Oct 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/mlj42e00>.

⁷⁹ PM-EEMA. Philip Morris EFTA Eastern Europe Middle East Africa long range plan 900000-920000. Dec 1989. Philip Morris. <http://legacy.library.ucsf.edu/tid/bhr02a00>.

resolveria a questão ao isolar os fumantes. Isto contraria a idéia que o fumo suaviza a integração. A cortesia, igualmente, é problemática nestes termos, já que antecipa que fumar pode ser ofensivo. Ao posicionar o controle do tabagismo como opressor, ilustra que os fumantes estão em conflito uns com os outros. Este conflito revela a falha em facilitar a interação social.

Os anúncios de cigarros posicionam, ainda, o fumo como uma concessão, uma indulgência. A idéia é que fumar é importante, ou necessário, o que pode sugerir dependência. Isso contradiz o desejo dos fumantes, que querem ouvir que “fumar não é a escolha mais crucial que tenho em minha vida”.

A linguagem dos grupos pressupõe não que o fumo eliminaria o desconforto social dos fumantes, como os anúncios sugerem, mas que os fumantes deveriam desejar aceitar o desconforto social para fumar. Ou seja, os fumantes deveriam lutar para fumar, mesmo que o fumo os tornem inaceitáveis. Evidentemente, até mesmo a vasta experiência da indústria com comunicação não estava apta para resolver estas contradições.

A CHEGADA DA IDÉIA AO BRASIL*

O Brasil não configurava na lista de países com grupos pelos direitos dos fumantes, de acordo com este trabalho.

Em março de 2008, apareceu o grupo Fumantes Unidos, que se apresenta como “*resposta e consequência da indignação, manifestada em fóruns [sic], sites especializados e principalmente em comunidades do Orkut, em relação à forma com que as ações de combate ao fumo têm sido feitas e divulgadas, sem que seja considerada ou sequer ouvida a outra parte, exatamente a mais diretamente envolvida [sic] nessas ações -- os próprios fumantes*”, diz o website⁸⁰.

Sua retórica é um tanto quanto agressiva, como quando diz que “*Órgãos oficiais e entidades ligadas a eles entopem a grande imprensa de factóides e informações falaciosas, e nunca vemos alguém -- ou, melhor ainda, alguma instituição -- sair em defesa dos fumantes*”.

Ainda de acordo com o grupo, eles não foram concebidos, nem financiados, nem encomendados ou desenvolvidos por qualquer empresa fabricante ou que comercializa cigarros ou outro derivado de tabaco: “*Qualquer acusação nesse sentido será considerada leviana e mentirosa, será divulgada em quaisquer meios de comunicação possíveis, será desafiada à comprovação pública e estará passível de reação judicial*”. De fato, não há qualquer evidência disso até o momento.

Como na análise de seus pares feita por este estudo, o Fumantes Unidos pretende passar a idéia de que controle do tabagismo é opressor. Em seu manifesto exposto no site, associa o controle do tabagismo ao desrespeito “*entre as partes da sociedade [...] e ao estado democrático de direito*”⁸¹. Segundo eles, políticas de controle baseiam-se no escarnecimento e na criação de inconveniências e desvantagens para uma parcela que corresponde a 1/3 da população. No entanto, pesquisa Datafolha feita em maio de 2008, em todo o país, sob encomenda da ACT, revelou que 23% da população brasileira são fumantes, ou seja, menos de 1/4⁸². Esta porcentagem é próxima da revelada por outras pesquisas de prevalência de fumantes. A questão nem é essa,

⁸⁰ Sobre Nós, Fumantes Unidos: www.fumantesunidos.org, acessado em 26/06/08

⁸¹ Manifesto Fumantes Unidos: <http://www.fumantesunidos.org/index.php/manifesto/49-manifesto>, acessado em 26/06/08

não se trata de impedir o fumante de fumar, mas que se conscientize que deve fumar apenas em áreas abertas. Opressor, nesse caso, seria o fato de não-fumantes respirarem involuntariamente a fumaça tóxica do tabaco.

Para eles, é uma forma nazista “*que vem sendo feita uma verdadeira cruzada contra o tabagismo*” e “*em vez de combater o fumo, entidades e governos promovem o combate aos fumantes*”.

O manifesto segue usando toda a retórica e os elementos já apresentados neste estudo e que resumem o controle do tabagismo como discriminatório, desrespeitoso, incoerente, que ataca o fumante e não o fumo, que o impede de exercer seus direitos e escolhas livremente.

CONCLUSÃO

Os grupos pelos direitos dos fumantes patrocinados pela indústria estiveram ativos em vários países desenvolvidos. Embora alguns ainda permaneçam, sua estratégia teve que ser revista. Circunstâncias favoráveis à introdução dos grupos pela indústria incluem a expansão do discurso político/social baseado em direitos, o desenvolvimento de grupos de pressão e o estabelecimento de uma infra-estrutura forte de controle do tabagismo. Os ativistas de controle do tabaco deveriam investigar as fontes de financiamento de algumas organizações que aparecem e expõem as alianças da indústria. Deveriam, também, apontar a falsidade do conceito e suas contradições essenciais. Integrar as metas de controle do tabaco com direitos democráticos, como contrastar a liberdade de ter saúde versus a escravidão da dependência, pode ser eficaz.

Deve-se, ainda, continuar a posicionar o tabagismo como uma questão de saúde. Focar na fumaça como um poluente evita mencionar o fumante e, portanto, subverte a metonímia da indústria: passa-se do fumante para o fumo. Eliminar a fumaça do cigarro de ambientes fechados é equivalente a remover o asbesto e isto não envolve os direitos de ninguém. O argumento é consistente com os esforços do controle do tabagismo em focar a atenção no fumo (e na indústria), mas não no fumante.

Uma medida do sucesso do controle do tabagismo é a falha geral da indústria em persuadir os fumantes a adotar a causa verdadeiramente. Lutar por uma identidade que esteja representada nos anúncios de cigarros como socialmente desejável expõe uma representação inadequada daqueles anúncios e implicitamente chama à discussão sobre os benefícios do fumo. O clima de mudança comportamental do fumo ao mesmo tempo obriga a indústria a criar os grupos pelos direitos dos fumantes e cria as contradições que levaram ao fracasso deles.

* Este é um comentário da Aliança de Controle do Tabagismo, com base na experiência brasileira atual.

⁸² Datafolha revela que brasileiros querem proibição total do fumo em ambientes fechados, Aliança de Controle do Tabagismo, http://www.fw2.com.br/actbr/uploads/conteudo/103_Fumo-em-Locais-Fechados-Datafolha.pdf